

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
(Organizador)

# Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
(Organizador)

# Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo



Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



# Linguística, letras e artes e o complexo pensamento humano

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Bruno Oliveira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e o complexo pensamento humano  
/ Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos.  
- Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-788-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.885212012>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Em LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E O COMPLEXO PENSAMENTO HUMANO, coletânea de vinte capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, três grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários; estudos sobre artes e outros temas.

Estudos literários traz análises sobre romances gráficos, representação do islã, autobiografia, leitura e (re)escrita na rede, imaginário, morte, marginalidade, letramento literário, literatura infantojuvenil, pessoa com deficiência e surdez.

São verificadas, em estudos sobre artes, contribuições que versam para conteúdos como fazer poético, ensino, música, corpo, dança, feminino, samba e metalinguagem.

No terceiro momento, outros temas, dispomos de leituras sobre racismo, violência, tradução, cuidado humanizado e saúde.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

DISCUTINDO LITERARIEDADE EM ROMANCES GRÁFICOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE THE HOBBIT (1990) DE DAVID WENZEL E CHARLES DIXON

Yan Victor Pinto Lopes Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120121>

### **CAPÍTULO 2..... 20**

A REPRESENTAÇÃO DO ISLÃ E DO ORIENTE MÉDIO NA LITERATURA NORTE-AMERICANA

Loiva Salete Vogt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120122>

### **CAPÍTULO 3..... 32**

AUTOBIOGRAFIA E ARTE EM *CAT'S EYE*, DE MARGARET ATWOOD

Natália Pacheco Silveira

Leonardo Pogliã Vidal

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120123>

### **CAPÍTULO 4..... 45**

LEITURA E (RE)ESCRITA NA REDE!: ANÁLISE LITERÁRIA E LINGUÍSTICA NA OBRA DIAS PERFEITOS, DE RAPHAEL MONTES

Tanise Corrêa dos Santos do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120124>

### **CAPÍTULO 5..... 56**

LILITH GANHA ASAS NO IMAGINÁRIO DO CONTO SEM ASAS, PORÉM, DE MARINA COLASANTI

Maria Catarina Ananias de Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120125>

### **CAPÍTULO 6..... 78**

AS NARRAÇÕES DA MORTE E DO MORRER NO CONTO “MORTE SEGUNDA”, DE CAIO FERNANDO ABREU

Priscila Bosso Topdjian

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120126>

### **CAPÍTULO 7..... 86**

EXPERIÊNCIA E MARGINALIDADE NO ROMANCE “ELES ERAM MUITOS CAVALOS”, DE LUIZ RUFFATO

Gislei Martins de Souza Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120127>

### **CAPÍTULO 8..... 97**

LITERATURA E LETRAMENTO LITERÁRIO: CONTRIBUIÇÕES E IMPLICAÇÕES PARA

## A FORMAÇÃO DO LEITOR

Sabrina Camargo Pinoti da Silva

André Luiz Alselmi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120128>

## **CAPÍTULO 9..... 108**

TERMINOLOGIAS ATRIBUÍDAS À PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL – MUNDO IMAGINÁRIO OU ESTIGMAS?

Bárbara Rangel Paulista

Flávio Da Silva Chaves

Shirlena Campos De Souza Amaral

Crisóstomo Lima Do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8852120129>

## **CAPÍTULO 10..... 121**

RELAÇÕES INTERTEXTUAIS EM “CLÁSSICOS” DA LITERATURA SURDA INFANTIL

Anesio Marreiros Queiroz

Skarletteh Jardannya Batista Cavalcante

Clevisvaldo Pinheiro Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201210>

## **CAPÍTULO 11 ..... 139**

E.E. CUMMINGS E JOSÉ LEONILSON: O FAZER POÉTICO ENTRE O PAPEL E A TELA

Laura Moreira Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201211>

## **CAPÍTULO 12..... 151**

REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS: REMINISCÊNCIAS DE ADOLESCENTES RECLUSAS

José Carlos da Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201212>

## **CAPÍTULO 13..... 165**

SAINDO DA BOLHA” E “TÉCNICA E ESPIRITUALIDADE”: UM ESTUDO COM ACADÊMICOS DE MÚSICA COM EXPERIÊNCIAS PENTECOSTAIS

Ana Lúcia de Marques e Louro-Hettwer

Andressa Zambrano Freitas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201213>

## **CAPÍTULO 14..... 173**

O CORPO E A DANÇA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO: UMA PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

Danielle Márcia Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201214>

<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>182</b>
PRESENÇA FEMININA NO SAMBA DE RAIZ: TIA CIATA, UMA TESTEMUNHA DOS TERREIROS, DA CULTURA E DA LINGUAGEM	
Claudia Toldo	
Débora Facin	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201215">https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201215</a>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>196</b>
AGOSTINO DI DUCCIO, ABY WARBURG E O ORATÓRIO DE SÃO BERNARDINO: ANJOS EM SERENA VERTIGEM	
Sandra Makowiecky	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201216">https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201216</a>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>213</b>
O GESTUAL X NA RECODIFICAÇÃO TÉCNICA E METALINGUÍSTICA NAS OBRAS DE MARIA BONOMI	
Marcela Matos Nhedo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201217">https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201217</a>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>225</b>
RACISMO E VIOLÊNCIA: A SEMIÓTICA DA DOR	
Érico Medeiros Jacobina Aires	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201218">https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201218</a>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>237</b>
INVISIBILIDAD DEL TRADUCTOR Y SU LABOR ...UN PROBLEMA DE TODA PROFESIÓN	
Claudia Andrea Durán Montenegro	
Adriana Araceli Padilla Zamudio	
Diana Guadalupe de la Luz Castillo	
Beatriz Pereyra Cadena	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201219">https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201219</a>	
<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>245</b>
A CARÍCIA ESSENCIAL E O CUIDADO HUMANIZADO EM SAÚDE: UMA LEITURA INTERSEMIÓTICA ENTRE O VERBAL E O ICÔNICO CONCATENADA AS BASES DO PENSAMENTO COMPLEXO	
Cristiane Barelli	
Maria Lúcia Dal Magro	
Graciela René Ormezzano	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201220">https://doi.org/10.22533/at.ed.88521201220</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>257</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>258</b>

# CAPÍTULO 2

## A REPRESENTAÇÃO DO ISLÃ E DO ORIENTE MÉDIO NA LITERATURA NORTE-AMERICANA

Data de aceite: 01/11/2021

Data de submissão: 08/11/2021

### Loiva Salete Vogt

Docente do Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul  
(IFRS), Departamento de Letras, Doutorado em  
Literatura Comparada (UFRGS)  
Feliz- RS  
<http://lattes.cnpq.br/6108092618495180>

**RESUMO:** A suposta virtude e necessidade de segurança nacional americana mascaram os interesses imperialistas de dominação e exploração não somente do Oriente Médio, mas de todo o planeta, inclusive da própria população nacional cuja necessidade desenfreada de consumo mantém sua própria alienação. Os motivos que levam a atitudes antiamericanistas são maquiados e povos, como o afegão e o palestino, são chamados de bárbaros sem que suas versões dos fatos sejam apresentadas, sem que fique explícita a relação entre, por exemplo, ajuda humanitária e “contrato” de subjugação. Uma das consequências, no Oriente Médio, do súbito cancelamento da ajuda humanitária é mais miséria e também a ascensão de grupos fundamentalistas, em um ciclo de alimentação da violência. Busca-se observar como essas ideias estão implicitamente representados em textos literários. O referencial teórico está em pós-coloniais como Edward Said (1978), Homi Bhabha (2013), Noam Chomsky (2017), Mahmood Mamdani (2004) e no historiador

contemporâneo brasileiro Paulo Visentini (2012), com exemplos práticos da obra *The Kite Runner* (2003) de Khaled Hosseini. Conclui-se a presente análise discursiva e literária com ênfase nas possíveis consequências catastróficas em nossa sociedade devido à disseminação no Ocidente do discurso (inclusive pelo viés da literatura) de que há um inimigo no Oriente Médio metonimicamente associado ao Islã, que precisa ser combatido, pois está se preparando para destruir o mundo livre ocidental e que sua destruição é de sumo interesse global.

**PALAVRAS-CHAVE:** Islã; Oriente Médio; discurso; Literatura norte-americana; pós-colonial.

### THE REPRESENTATION OF ISLAM AND THE MIDDLE EAST IN NORTH AMERICAN LITERATURE

**ABSTRACT:** The supposed virtue and the necessity of American national security mask the imperialist interests of domination and exploitation not only of the Middle East, but of the entire planet, including the national population whose unbridled consumption maintains its own alienation. The reasons that lead to anti-American attitudes are makeup and people, such as the Afghan and the Palestinian, are called barbarians without their versions of the facts being explained, without the relation between humanitarian aid and a “contract” of subjugation being showed. One of the consequences, in the Middle East, of the sudden cancellation of humanitarian aid is more misery and also a rise of fundamentalist groups, in a feeding cycle of violence. This chapter hopes to observe how these ideas can be implicitly

represented in literary texts. The theoretical framework is based upon postcolonials such as Edward Said (1978), Homi Bhabha (2013), Noam Chomsky (2017), Mahmood Mamdani (2004), and the Brazilian contemporary historian Paulo Visentini (2012). The practical examples in literature are about *The Kite's Runner* (2003), written by Khaled Hosseini. The conclusion of this discursive and literary analysis emphasizes the society's catastrophic consequences of the dissemination (in the West) of a discourse (including through literature). The discourse is that there is an enemy in the Middle East metonymically associated with Islam, who needs to be fought, for it is preparing to destroy the free Western world and that its destruction is of the utmost global interest.

**KEYWORDS:** Islam; Middle East; speech; North American Literature; postcolonial.

## 1 | INTRODUÇÃO

Na história da formação dos Estados Unidos foram projetados mitos fundadores com o intuito de criar uma comunidade imaginada, de acordo com a concepção de Benedict Anderson (1989). Para a manutenção dessa comunidade imaginada, há a necessidade de preservação de uma memória que enaltece e unifica uma determinada versão de um passado nacional em prol da permanência de uma herança cultural ideologicamente marcada. O passado de um povo é, assim, uma construção imaginada, que depende da propagação discursiva. Por isso, o senso de fraternidade nacional é buscado a partir do estabelecimento de binarismos como “nós” versus “os outros”. Ou seja, a identidade nacional é formada a partir da fixação de uma oposição, processo que apaga as diferenças e promove uma ideia de unificação. A necessidade de representar o “outro” como inferior tem o objetivo de justificar a tomada de decisões por ele.

## 2 | PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Ao observar o período chamado de Pós-colonial, Homi Bhabha (2013, p. 102) destaca que grupos marginalizados passaram a “reivindicar seu direito de expressar sua diferença.” Bhabha (2013) alerta que o objetivo do discurso colonial é “apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração ou instrução (p.111).” Sendo assim, é de suma importância um estudo mais aprofundado sobre as formas de projeção desse “outro” como grupo étnico e/ou religioso, tendo em vista que a projeção de um outro “monstruoso” pode ser a não aceitação de uma parte do que nos constitui como sujeitos. Ou seja, o “outro”, com suas características de inimigo, está em nós e não o percebemos; então, projetá-lo no exterior em um “outro”, que também não conhecemos, pode ser um modo de mascarar o que está em nós. A tarefa, então, começa por uma necessidade de investigação do que o “outro” tem a dizer sobre si mesmo em contraponto ao que nossa percepção permite alcançar antes dessa interação.

Há mais de quarenta anos, Edward Said, cristão de origem palestina, cidadão

americano e professor da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, publicava *Orientalismo* (1978). O teórico foi um importante precursor na academia americana ao criticar as noções pejorativas presentes nas considerações subjetivas sobre as pessoas do Oriente, suas crenças e modos de vida. O termo “Orientalismo” refere-se a uma crítica a um determinado discurso a respeito do Oriente. O discurso, no sentido de Foucault, remete a imagens baseadas em afirmações que formam uma linguagem comum e que permitem representar o conhecimento a respeito de um determinado tema. “Como regimes de verdade, os discursos estão encapsulados em estruturas institucionais que excluem certas vozes, estéticas e representações.” (SHOHAT; STAM, 2006, p. 44). Nesse contexto, o Orientalismo apresenta a intenção de compreender e representar o referido espaço geográfico sob o olhar ocidental, com o evidente intuito de controlar e manipular as diferenças e fixar um determinado olhar a respeito de quem provém da região chamada de Oriente Médio. De acordo com Said, o Orientalismo é um modo de tradução, tendo em vista o poder da autoridade do “tradutor” ocidental. Discursos dissidentes podem, no entanto, confrontar os valores estabelecidos e as imagens propagadas. Assim, Said denuncia as amarras projetadas em determinados povos em função da manipulação discursiva e destaca o Imperialismo e a colonização como processos de dominação cultural, marcados por apagamentos que favorecem a manutenção de uma determinada ordem em que grupos são, sucessivamente, subjugados a outros e esse processo de exploração é geralmente divulgado como sendo natural. Nesse discurso darwinista, na hierarquia “natural” dos seres, apenas os mais fortes sobrevivem.

Em contraponto ao pensamento de Said, em 1996, o cientista político Samuel Huntington publicou sua tese na obra *The Clash of Civilizations and the Remaking of the World Order*, onde destaca uma crise política mundial, em que civilizações entram em confronto direto. Aponta a civilização Islâmica como em conflito direto com a Ocidental e afirma que, devido a uma série de questões políticas, o Islã passou a ser visto como o vilão que deve ser combatido pelo Ocidente. O cientista político considera diferentes culturas como antagônicas em um processo que, segundo ele, inevitavelmente, levará a uma colisão. Huntington enfatiza a visão de que o Islã é antiquado, acentuando o paradigma americano do século XXI: o choque de civilizações que vem substituir o do século XX: a Guerra Fria. Como consequência, muçulmanos de diversas partes do mundo estão subjugados a uma única representação: a de inimigos, a de ameaça ao sistema ocidental. Esse pensamento remete a um posicionamento neoconservador, de direita e pró-israelita que toma forma nos Estados Unidos e se manifesta na obra *The Kite Runner* (2003), traduzida e publicada no Brasil no mesmo ano com o título de *O caçador de pipas* (2003).

A projeção orientalista foca nas diferenças entre culturas, civilizações e religiões como sendo estáticas e essencialistas, o que leva a um discurso maniqueísta de bem versus mal. Esse discurso nega a existência da diversidade no Oriente Médio do mesmo modo que cria uma imagem negativa do povo palestino e afegão, alimentando um imaginário

de fanatismo religioso quando a questão é política, estrutural, econômica e remete a uma traumática luta por territórios, acesso à água potável e autonomia política.

Segundo Huntington, a sobrevivência do Ocidente depende de uma reafirmação da identidade ocidental marcada por um sistema de “diferenças”. Nesse contexto, há a premissa do excepcionalismo americano. As civilizações são descritas como grupos tribais em conflito em escala mundial (HUNTINGTON, 1996, p. 207). No capítulo “*The Future of Civilizations*”, o cientista destaca que a cultura ocidental está sendo desafiada por grupos dentro do próprio Ocidente (HUNTINGTON, 1996, p. 304), ou seja, o multiculturalismo é considerado uma ameaça, bem como a presença de imigrantes. Por outro lado, reconhece que a “universalização” do Ocidente representa o Neoimperialismo para o resto do mundo (HUNTINGTON, 1996, p. 184). Huntington se posiciona a favor da necessidade de preservar a cultura ocidental e construir uma nova ordem mundial: “Multiculturalismo em casa desafia os Estados Unidos e o Ocidente, Universalismo externo desafia o resto do mundo.” (HUNTINGTON, 1996, p. 318, tradução nossa). Conclui a sua tese destacando a necessidade de evitar um conflito de civilizações como modo de garantir a paz mundial. Nesse contexto, segundo Judith Butler (2017), a paz e a liberdade pregadas pelo sistema neoliberal capitalista estão baseadas em um modelo darwinista em que povos com culturas consideradas patriarcais, antidemocráticas e tribalistas necessitam ser civilizados. Assim, a retórica tem sido usada para invadir países como o Afeganistão, o Iraque, o Irã, a Síria, a Palestina (Israel) e tantos outros. O conceito de liberdade divide as pessoas entre cidadãos que merecem pertencer e os que podem ser excluídos da nação. Nessa exclusão versus inclusão surge a dicotomia de gênero, pois no imaginário hegemônico, por exemplo, mulheres de burca merecem ser salvas e incorporadas ao modelo americano, ao universo da moda e do consumo.

A suposta virtude e necessidade de segurança nacional americana mascaram os interesses imperialistas de dominação e exploração não somente do Oriente Médio, mas de todo o planeta, inclusive da própria população nacional, cuja necessidade desenfreada de consumo mantém sua própria alienação. Os motivos que levam a atitudes antiamericanistas são maquiados e povos, como o afegão e o palestino são chamados de bárbaros sem que suas versões dos fatos sejam apresentadas, sem que fique explícita a relação entre, por exemplo, ajuda humanitária e “contrato” de subjugação. Uma das consequências, no Oriente Médio, do súbito cancelamento da ajuda humanitária é mais miséria e também a ascensão de grupos fundamentalistas, em um ciclo de alimentação da violência. Nesse aspecto, segundo Chomsky (2017, p. 126), é estratégica a ideia hegemônica americana de “promover a união nacional e a concordância com o governo para alimentar a fantasia de que há um inimigo externo pronto para tentar destruir o país e o mundo livre ocidental” e que destruí-lo é de sumo interesse da nação.

Além disso, a confusão na propagação do uso de termos como muçulmanos, árabes e fundamentalistas islâmicos como se fossem sinônimos é proposital. Trata-se de

uma fixação de uma imagem para um “outro” que ficcionalmente se encaixa no papel de antagonista. Mahmood Mamdani, em seu livro *Good Muslim, Bad Muslim* (2004), argumenta que o conflito de civilizações anteriormente mencionado por Samuel Huntington (1996) é um conflito interno, mais do que externo. Segundo Mamdani (2004), as civilizações estão em choque com suas próprias autorrepresentações. O teórico critica Huntington, para quem a civilização islâmica é uma entidade homogênea e estável. Mamdani chama a atenção para um teórico anterior a Huntington chamado Bernard Lewis, que desenvolveu a ideia de que há bons e maus muçulmanos e que ambos lutam em uma guerra interna. É imprescindível questionar de onde partiram tais ideias maniqueístas e a qual propósito servem. Quem merece o *status* de “bom” e quem são os “maus”?

O Oriente Médio, em termos geográficos, tendo como base a visão ocidental, abarca a Península Arábica (Arábia Saudita, Iêmen, Omã, Emirados Árabes, Catar, Bahrein e Kuwait), o Crescente Fértil (Egito, Israel/ Palestina, Jordânia, Síria, Iraque, Líbano) e, ao norte, a Turquia, Azerbaijão e Irã. Também o norte da África, contendo a Líbia, Tunísia, Argélia, Marrocos/Saara ocidental e os países que integram a liga árabe (Sudão, Eritreia, Djibuti, Somália) e a Ásia Central com as repúblicas muçulmanas que pertenciam a URSS: Cazaquistão, Uzbequistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Turcomenistão, Afeganistão e o Paquistão. Esse é o chamado mundo árabe e muçulmano, de acordo com o historiador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Paulo Fagundes Visentini (2012). As primeiras civilizações surgiram no Oriente Médio (Egito, Suméria e Babilônia). Também é a origem das religiões monoteístas (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo).

Douglas Little (2008), em seu livro *American Orientalism: the United States and the Middle East Since 1945*, apresenta os primeiros colonizadores dos Estados Unidos como inspirados no ideal israelita. De maneira geral, os americanos, segundo o autor, são convidados a se identificarem com o povo judeu que, historicamente, apresentou divergências em relação a muçulmanos e árabes. Para Visentini (2012), o Oriente do século XV era dominado por turcos da Ásia Central e, na segunda metade do século XIX, a cobiça da Europa em fase de industrialização voltou-se para a região: franceses “protegiam” as minorias cristãs e ingleses, as minorias judaicas. Essa “proteção” envolvia a projeção e introjeção de uma identidade francesa e inglesa, respectivamente, como culturalmente superiores. A guerra da Crimeia, em que a Inglaterra e a França lutaram contra a Rússia, em 1856, foi uma tentativa de controle da passagem para o oceano Índico. Já havia a cobiça pelo petróleo que movia a Revolução Industrial.

Segundo Ella Shohat e Robert Stam (2006) em *Crítica da imagem eurocêntrica*, é preciso lembrar que, geograficamente falando, o que o Ocidente chama de Oriente Médio é, para a China, a Ásia ocidental. O Ocidente está associado à religião judaico-cristã e o Oriente ao Budismo, Islamismo e Hinduísmo, ou seja, é o suposto pertencimento político-religioso que determina as configurações geográficas. Nesse sentido, Israel é visto como ocidental e a Turquia é oriental, embora situada a oeste de Israel, bem como o Egito, Líbia

e Marrocos. Há uma série de apagamentos históricos que buscam associar o passado ocidental ao europeu; no entanto, a influência não europeia na formação do Ocidente é bastante significativa. Durante a Guerra Fria, o Afeganistão tinha relações diplomáticas amistosas com a União Soviética, acordos de cooperação econômica e militar. Um grande fluxo de armas e dinheiro proveniente dos Estados Unidos, China, Paquistão e Arábia Saudita foi repassado para quadrilhas conservadoras. Em 1979, houve um golpe militar liderado pelos russos, que é descrito na obra *The Kite Runner*, e foi vivenciado pelo seu autor que, juntamente com sua família, conseguiu refúgio nos Estados Unidos.

O Afeganistão, localizado entre o Irã e a China, ocupa uma posição estratégica para o acesso à região do Oriente Médio. Havia o desejo americano de construir um oleoduto que ligaria o petróleo do mar Cáspio ao oceano Índico, evitando a passagem pela Rússia e pelo Irã. Para tanto, era necessário um governo subserviente em Cabul, capital do Afeganistão. Com esse propósito, interesses ocidentais alimentaram o grupo Talibã da etnia *Pashtun*. O Talibã era, em princípio, um grupo de estudantes do Islamismo. Em setembro de 1996, os Talibãs dominaram Cabul, matando o ex-presidente comunista Nijibullah, promoveram leis restritivas às mulheres, queimaram livros e bibliotecas. Os homens passaram a ser obrigados a usar barba, com vestuário padronizado. Em 1998, massacraram os xiitas da etnia chamada *Hazara*, o que também está descrito no primeiro romance de Khaled Hosseini. No entanto, o grupo Talibã escapou ao controle de seus mentores: com a produção e o comércio de drogas, envolveu-se com o terrorismo internacional. Apesar disso, “continuavam recebendo apoio da Arábia Saudita e do Paquistão, movidos pela permanência de interesses ocidentais.” (VISENTINI, 2012, p. 85). O grupo Talibã é descrito como desumano na obra de Hosseini, como ratos em cavernas, expressão que também aparecia na mídia corporativa do período: “*Soon after the attacks, America bombed Afghanistan, the Northern Alliance moved in, and the Taliban scurried like rats into the caves.*” (HOSSEINI, 2003, p. 316). Nesse contexto, o historiador Visentini (2012) afirma que é preciso evitar a tentação de culpar o Islã pelo fundamentalismo dos Talibãs. De acordo com o autor: “A intolerância talibã deve ser pensada no contexto do desenraizamento provocado pelas mudanças aceleradas em curso no mundo, pela violência devastadora dos conflitos armados e pela manipulação externa.” (VISENTINI, 2012, p. 87). Para o historiador, é necessário atentar para o fato de que a era da internet é também a era do surgimento do Fundamentalismo, do extremismo religioso, de *Fake news*. É possível, nesse contexto, inferir sobre a possível influência do uso da internet na propagação de ideais fundamentalistas messiânicos.

O Onze de Setembro nos EUA trouxe visibilidade para a Al-Qaeda, liderada pelo saudita Osama Bin Laden, que se refugiou junto ao regime Talibã no Afeganistão. Na guerra contra o terrorismo, o Afeganistão, como país, foi destruído. A resposta bélica norte-americana marcou o início de uma longa intervenção dos Estados Unidos no Oriente Médio, justificada aos olhos da população americana traumatizada com a dor da destruição

das Torres Gêmeas e alimentada pelo desejo de vingança e de autopreservação, como se invadir o Afeganistão fosse um modo de proteger os Estados Unidos de outro possível “Bin Laden”.

Ainda segundo Visentini (2012, p. 96), “a motivação em relação ao atentado encontra-se no próprio Ocidente e em seus problemas internos.” A estratégia política utilizada pelo governo americano foi a de buscar justificativa para os problemas internos do país causados pelo sistema capitalista apontando para um inimigo externo e, desse modo, unir a população contra esse inimigo externo significava um desvio para não olhar para si mesma. Nesse contexto, a queda das Torres Gêmeas serve como pretexto para a destruição do Islã no mundo.

Visentini alerta que, até hoje, não foram apresentadas provas concretas da autoria dos atentados, o que sugere que a soberba de um determinado grupo pode ter assumido a autoria, encobrendo outras motivações e outros possíveis responsáveis. Para ele, é surpreendente a ideia de que, de repente, “homens primitivos das cavernas afegãs teriam a possibilidade de sozinhos, idealizarem e executarem um atentado tão complexo e eficaz.” (VISENTINI, 2021, p. 98). No entanto, esse pensamento também pode ser uma consequência do próprio Orientalismo.

No Afeganistão, as cidades que ficaram em poder dos Talibãs foram tomadas, uma a uma, durante a invasão americana e, hoje, o grupo, após a retirada das tropas americanas, voltou a assumir o controle militar do país. Para o historiador, após a derrota dos Talibãs, os prometidos investimentos em infraestrutura e reconstrução do Afeganistão não ocorreram, causando também a insatisfação do povo afegão. A retomada do grupo Talibã ao poder no Afeganistão era evidente no horizonte. Drones ainda bombardeiam a população e há vários grupos de insurgentes que incendeiam caminhões e espalham terror.

Hoje, os bons muçulmanos são descritos como ocidentalizados, modernos, seculares, pacíficos, passivos e que concordam com a interferência americana. Os maus são doutrinadores, violentos e primitivos. Essa é a projeção maniqueísta privilegiada pela mídia na atualidade. Nesse contexto, guerras civis são úteis para eliminar os “maus”.

O historiador Mahmood Mamdani (2004) afirma que não há período na história que defina melhor o conflito entre cristãos e muçulmanos do que as Cruzadas. A guerra foi considerada santa pelo Ocidente e o povo muçulmano passou a ser visto como anticristo. Nesse contexto, não poderiam ser convertidos, mas sim, deveriam ser exterminados. E a ideia persiste. Mamdani afirma que foi no período das Cruzadas que a Palestina deixou de ser a Terra Prometida do Antigo Testamento, terra que abrigaria o povo hebreu e passaria a ser a Terra Santa. Aos muçulmanos, não caberia escolha entre conversão ao cristianismo ou morte, pois eram vistos como inconversíveis. E a Igreja Católica difundiu a ideia de que é necessário erradicar o mal, sendo assim, muçulmanos, descritos como a encarnação do mal, não poderiam simplesmente se tornar “bons”. Mamdani (2004) menciona outro historiador, Marshall Hodgson, para o qual o par Oriente/Ocidente representava,

originalmente, as terras do Oeste do Mediterrâneo. Mamdani afirma que, somente em momento posterior, o termo passou a fazer referência a terras do Oeste da Europa, o que excluiu as terras do oeste do Mediterrâneo que se tornaram muçulmanas. Posteriormente, o termo Ocidente passou a compreender todos os cristãos europeus, ou seja, a partir de uma orientação geográfica, o termo passou a ser usado como característico de pessoas, ou seja, foi racializado.

### 3 | O PERSONAGEM ASSEF EM *THE KITE RUNNER*

O antagonista em *The Kite Runner* (2003) é o muçulmano chamado de Assef, descrito como um sádico que prega a palavra de Deus de acordo com sua própria interpretação retrógrada e insana. Veja o exemplo:

*When the prayer was done, the cleric cleared his throat. 'Brothers and sisters!' he called, speaking in Farsi, his voice booming through the stadium. 'We are here today to carry out Shari'a. We are here today to carry out justice. We are here today because the will of Allah and the word of the Prophet Muhammad, peace be upon him, are alive and well here in Afghanistan, our beloved homeland. We listen to what God says and we obey because we are nothing but humble, powerless creatures before God's greatness. And what does God say? I ask you! WHAT DOES GOD SAY? God says that every sinner must be punished in a manner befitting his sin. Those are not my words, nor the words of my brothers. Those are the words of GOD!' He pointed with his free hand to the sky... 'Every sinner must be punished in a manner befitting his sin!' the cleric repeated into the mike, lowering his voice, enunciating each word slowly, dramatically. 'And what manner of punishment, brothers and sisters, befits the adulterer? How shall we punish those who dishonor the sanctity of marriage? How shall we deal with those who spit in the face of God? How shall we answer those who throw stones at the windows of God's house? WE SHALL THROW THE STONES BACK!' He shut off the microphone. A low-pitched murmur spread through the crowd. Next to me, Farid was shaking his head. "And they call themselves Muslims" he whispered. (HOSSEINI, 2003, p. 235-36).*

Na cena descrita, os personagens Farid e Amir (o protagonista da trama) assistem ao apedrejamento de um casal acusado de adultério pelo líder Talibã Assef, que profere o discurso acima alegando que Deus pede que adúlteros sejam punidos com apedrejamento, citando a lei chamada de *Shari'a*. Segundo Said (1978), o termo "Islã" é um modo de expressar a experiência do muçulmano, o que leva a entender que, supostamente, a religião governa todos os aspectos da vida do islâmico. A crença em uma fé "cega" dispensaria o muçulmano de qualquer senso crítico, pois o dogma religioso inscrito na *Shari'a* faria a tarefa de "pensar" e orientar sua vida.

Em contraponto, a sociedade ocidental apresenta-se como laica e complexa em termos de história, cultura e ciência. Segundo a crença orientalista, no Oriente tudo se resume à religião. E os seus mandamentos permanecem estáticos, fixos e imutáveis apesar

das mudanças sociais e da passagem do tempo. Além disso, a imaginação ocidental alerta que a leitura de um texto considerado sagrado como o Alcorão pode levar a atos terroristas como a imposição de sacrifícios e subjugação religiosa. Todavia, pode-se dizer que o mergulho em qualquer religião pode levar a isso pela fé cega e habilidade de manipulação dos traumas de parte de seus adeptos. A obra *The Kite Runner*, enfaticamente, apresenta cenas de violência como a descrita anteriormente, associando as atitudes tenebrosas aos muçulmanos como também nessa passagem, nas palavras de Assef:

*Sometimes, we broke down their doors and went inside their homes. And [...] I'd [...] I'd sweep the barrel of my machine gun around the room and fire and fire until the smoke blinded me." He leaned toward me, like a man about to share a great secret. "You don't know the meaning of the word 'liberating' until you've done that, stood in a roomful of targets, let the bullets fly, free of guilt and remorse, knowing you are virtuous, good, and decent. Knowing you're doing God's work. It's breathtaking." He kissed the prayer beads, tilted his head. (HOSSEINI, 2003, p. 242).*

A violência psicopática de Assef é apresentada como justificada pelo discurso religioso islâmico que é apresentado como um modo de “cegar” os fiéis. A religião Islâmica tem sua origem na Península Arábica, no século VII, com as visões descritas pelo profeta cujo nome foi traduzido como Maomé. O termo Islã significa: “Uma comunidade civil guiada pelas leis do Alcorão. Muçulmano é quem se submete ao Islã.” (VISENTINI, 2012, p. 16). Segundo o historiador, o Islã incorporou elementos da civilização greco-romana, também persa, hindu e chinesa. Seu apogeu foi entre os séculos VII e XV, em que presenciou intenso desenvolvimento da arte e da ciência. Enquanto a Europa da Idade Média vivia em castelos insalubres, já havia iluminação pública em Cairo e Bagdá, locais predominantemente islâmicos.

O público leitor ocidental expressa o desejo de saber o que o próprio Oriente diz de si mesmo, como se fosse efetivamente possível descrevê-lo como unificado, uma vez que é formado por grupos heterogêneos. Nesse contexto, surgem figuras que prometem ser informantes nativos, pessoas que vieram do Oriente Médio e que, supostamente, podem apresentar uma visão interna da situação. No entanto, essas vozes passam por um sistema de controle. Serão ouvidas apenas em determinadas circunstâncias e apenas se disserem o que favorece ao sistema que mantém sob controle as diferenças e o alcance da divulgação. Algumas vozes recebem destaque por estarem vinculadas a grupos organizados politicamente e, embora dissidentes do discurso hegemônico, conseguem seu espaço, ou o conseguem por algum tempo, mas suas marcas tendem a serem apagadas. Tudo depende do que estão dispostas a dizer e a quem seu discurso beneficiará, já que o próprio sistema de divulgação e publicidade está vinculado a condições ideológicas e socioeconômicas. Vozes orientais falando para a audiência ocidental sobre suas experiências no Oriente têm sido muito apreciadas pela mídia quando destacam as falhas do Islamismo, principalmente associado à opressão e à tirania de um profeta. A mídia difunde a ideia de que o discurso

registrado no livro sagrado não pode ser questionado e apaga a informação de que está atrelado a um determinado contexto e momento histórico, bem como está sujeito à interpretação de vários tradutores. Ocorre, então, uma associação entre “servos de *Allah*” e escravos. No entanto, em sua base semântica, o termo “religião” está associado à ideia de religião. No caso do Islamismo, há a ideia de religar os indivíduos a uma concepção e a uma força coletiva que se potencializa nas cinco orações diárias, em momentos sagrados de conexão com suas consciências e com a espiritualidade. No entanto, em uma interpretação que tem por base os valores capitalistas, individualistas e progressistas ocidentais, o Islamismo é geralmente descrito como anti-intelectual e irracional. Esse aspecto predomina em *The Kite Runner*: “*I’ll ask you something: What are you doing with that whore? Why aren’t you here, with your Muslim brothers, serving your country?*” (HOSSEINI, 2003, p. 243).

O Orientalismo é, assim, um modo de julgar o Islamismo que omite, inclusive, a presença de outras religiões no Oriente Médio e o próprio ateísmo. Há a ideia de que, se não for combatido como um inimigo, pode assumir o poder e impor seu “retrógrado” modo de vida sobre o “mundo livre ocidental”. O seguinte trecho da obra *The Kite Runner* marca essa percepção, quando Amir questiona: “*What mission is that? I heard myself say. ‘Stoning adulterers? Raping children? Flogging women for wearing high heels? Massacring Hazaras? All in the name of Islam?’*” (HOSSEINI, 2003, p. 248). Amir reflete sobre qual seria a missão de cada ser humano de acordo com o discurso do Talibã. O patriarcalismo ainda está fortemente presente na cultura islâmica. Condições socioeconômicas precárias também levam a uma situação de subjugação entre povos, mas é importante destacar que a religião islâmica não se resume ao grupo Talibã. É um modo de vida que merece ser respeitado. Amir, em seu discurso, leva o(a) leitor(a) a associar o ponto de vista descrito como sendo do Talibã com uma representação metonímica do Islã, o que é perigoso, pois pode levar a um ódio contra o Islã.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pertencimento identitário do autor Khaled Hosseini mantém uma relação muito próxima com a construção do protagonista Amir no romance. O autor nasceu em Cabul, no Afeganistão, em março de 1965. Seu pai era diplomata e sua mãe lecionava Farsi, uma das línguas locais. Em 1980, sua família conseguiu asilo político nos Estados Unidos devido à invasão soviética no Afeganistão. Em 2006, recebeu a distinção de personalidade do ano em comemoração ao Dia Internacional dos Refugiados em Washington D.C., concedido pela agência para refugiados dos Estados Unidos. Seu trabalho como médico e romancista tem sido reconhecido, tendo trabalhado também em prol da assistência humanitária no Afeganistão através da Fundação Khaled Hosseini, criada em 2007. É importante destacar que o autor emigrara do Afeganistão ainda criança e que sua obra tem caráter ficcional

fortemente influenciado pela vivência da cultura americana.

Sua primeira obra literária, *The Kite Runner* (2003), apresenta passagens violentas que marcam o destino dos meninos, Amir e Hassan. Cada um é descrito como pertencente a uma etnia específica e a diferentes classes sociais. Essas diferenças são apresentadas, mas jamais questionadas, são mostradas como naturais. Além disso, a narrativa ratifica o discurso de benefícios diferentes para classes diferentes e apresenta como natural o sacrifício do subalterno representado por Hassan. Destaca o seu isolamento, sua nobre resistência ao mal imposto pelo Talibã, a entrega de seu corpo para salvar primeiro a pipa, depois a propriedade (casa) de Amir no Afeganistão. A obra enfatiza que Hassan em tudo auxilia Amir, que ao final, consegue resgatar o filho de Hassan e levá-lo para a América, como um modo de compensação pelo seu sofrimento e dedicação ao filho do patrão, Amir.

No entanto, não se pode perder de vista o modo como *The Kite Runner* reafirma o discurso midiático americano que demanda a imposição da cultura americana e sua intervenção no Oriente Médio. A obra de Khaled Hosseini atende ao discurso de necessidade de “resgate” do Oriente para que seja assimilado e se adapte ao Ocidente. Sob o viés do pensamento pós-colonial, obras literárias oferecem um potencial de denúncia do processo de despolitização das vítimas da opressão, de apagamento identitário, bem como uma oportunidade de tornar visível a cumplicidade social frente à violência imposta. Como críticos literários, necessitamos ficar atentos ao que as obras propagam explícita e implicitamente. A ênfase no combate a um inimigo, quando apresentada em uma obra literária, deve ser analisada junto ao seu contexto histórico, o que pode revelar discursos que demandam a imposição dos valores de uma cultura sobre as demais. O perfil orientalista de *The Kite Runner* (2003) fica, portanto, evidente em uma análise de teor pós-colonial.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BUTLER, Judith. **Precarious life, vulnerability, and the ethics of cohabitation**. Berkeley: University of California Press, 2017.

CHOMSKY, Noam. **Quem manda no mundo?** Tradução de Renato Marques. São Paulo: Planeta, 2017.

HOSSEINI, Khaled. **The Kite Runner**. Nova York: Riverhead Book, 2003.

HUNTINGTON, Samuel. **The Clash of Civilizations and the Remaking of the World Order**. New York: Simon & Schuster, 1996.

LITTLE, Douglas. **American Orientalism**: The United States and the Middle East Since 1945. The University of North Carolina Press: Chapel Hill, 2008.

MAMDANI, Mahmood. **Good Muslim, Bad Muslim**: America, the Cold War, and the Roots of Terror. Westminister, MD, USA: Knopf Publishing Group, 2004.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.

SHOHAT, Ella. STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**: multiculturalismo e representação. Tradução de Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **A Primavera Árabe**: entre a democracia e a geopolítica do petróleo. Porto Alegre: Leitura XXI, 2012.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Artes 2, 3, 5, 33, 76, 139, 142, 145, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 171, 197, 211, 213, 214

Autobiografia 3, 4, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 43

### C

Corpo 3, 5, 30, 38, 42, 48, 71, 73, 74, 75, 81, 83, 84, 91, 92, 112, 120, 163, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 186, 187, 192, 195, 201, 202, 205, 226, 230, 232, 233, 234, 253, 254, 257

Cuidado humanizado 3, 6, 246, 249, 251, 256

### D

Dança 3, 5, 42, 130, 141, 162, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 205, 206, 223

### E

Ensino 3, 5, 97, 98, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 115, 138, 151, 152, 153, 154, 156, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 168, 171, 172, 176, 177, 178, 257, 258

Escrita 3, 4, 4, 6, 10, 11, 37, 43, 45, 46, 48, 50, 53, 54, 56, 86, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 115, 118, 130, 145, 151, 153, 154, 226, 227, 232, 236, 237

### F

Fazer poético 3, 5, 139, 140, 141, 145

Feminino 3, 38, 56, 57, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77

### I

Imaginário 3, 4, 5, 22, 23, 41, 52, 54, 56, 57, 108, 109, 116, 131, 155, 189, 193, 234, 236, 251, 256, 257

Islã 3, 4, 20, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 227

### L

Leitura 3, 4, 6, 3, 10, 28, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 45, 49, 50, 53, 66, 84, 87, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 121, 139, 144, 148, 210, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 255, 256, 257, 258

Letramento literário 3, 4, 97, 98, 99, 104, 105, 106, 107

Letras 2, 3, 20, 30, 31, 45, 56, 78, 96, 97, 100, 105, 121, 139, 141, 143, 144, 194, 211, 212, 256, 258

Linguística 2, 3, 4, 2, 3, 45, 82, 108, 109, 110, 111, 113, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 137, 138, 150, 182, 183, 184, 185, 193, 194, 195, 232, 258

Literatura 3, 4, 5, 1, 2, 3, 4, 7, 8, 11, 12, 17, 18, 19, 20, 32, 33, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 69, 70, 71, 76, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 122, 129, 130, 131, 132, 136, 145, 149, 150, 155, 183, 190, 210, 236, 256, 258

Literatura infantojuvenil 3, 5, 108, 109, 113, 114, 116, 118, 119

## **M**

Marginalidade 3, 4, 86, 88, 89

Metalinguagem 3, 251

Morte 3, 4, 26, 38, 40, 42, 46, 51, 52, 53, 64, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 92, 130, 217, 223, 230, 235, 237, 250, 254

Música 3, 5, 49, 50, 127, 128, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 189, 192, 193, 196, 197, 204, 205, 208, 235, 250

## **P**

Pensamento humano 2, 3, 58, 255

Pessoa com deficiência 3, 108, 109, 113, 114, 116, 118, 119

## **R**

Racismo 3, 6, 226, 236

Representação 3, 4, 20, 22, 29, 31, 34, 38, 39, 42, 52, 64, 80, 111, 113, 115, 119, 153, 154, 157, 160, 191, 199, 205, 210, 218, 229, 233, 254

Romances gráficos 3, 4, 1, 4, 7, 12

## **S**

Samba 3, 6, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Saúde 3, 6, 116, 156, 230, 237, 246, 247, 248, 249, 251, 252, 254, 255, 256, 257

Surda 5, 121, 122, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138

Surdez 3, 122, 133, 134, 135, 137, 138

## **T**

Tradução 3, 3, 4, 5, 15, 18, 19, 22, 23, 30, 31, 33, 37, 43, 70, 77, 79, 81, 84, 85, 134, 138, 145, 149, 150, 194, 195, 211, 237, 256, 257

## **V**

Violência 3, 6, 5, 20, 23, 25, 28, 30, 92, 226, 228, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 252

# Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano



# Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

